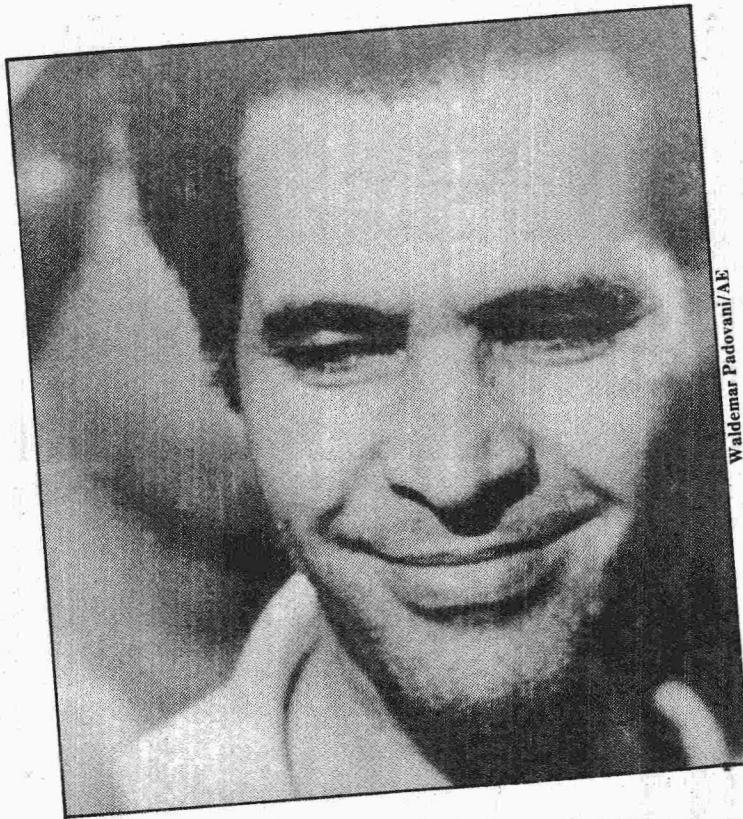


Pedreira desaparece. A culpa não é do TSE.

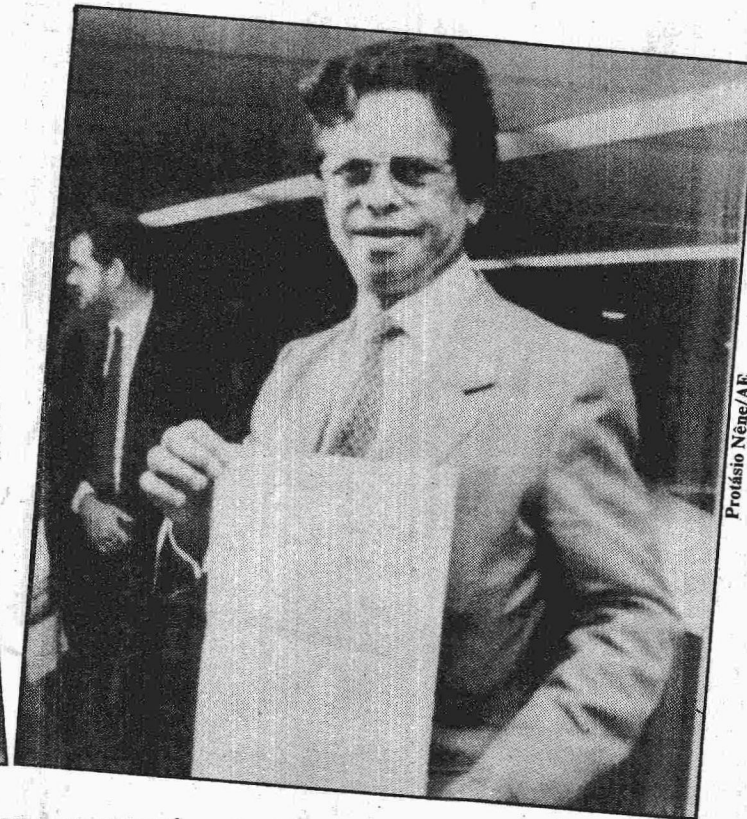
Suspenso várias vezes pelo TSE no horário eleitoral gratuito por fazer acusações infundadas aos demais presidenciais — e com forte suspeita de serem encomendadas — o candidato do PPB, Antônio Pedreira, apareceu ontem em Campinas dizendo-se vítima de um seqüestro que, segundo ele, teria começado no sábado, no Rio de Janeiro, e terminado ontem ao meio-dia. Em seu depoimento à Polícia Federal, Pedreira afirmou que seus raptos seriam integrantes de um grupo racista, altamente organizado, interessado em sua renúncia. “Estou avaliando essa possibilidade”, comentou o candidato após ser liberado para uma rápida entrevista no aeroporto de Viracopos, antes de ser encaminhado ao Rio de Janeiro.

Com a barba por fazer e aparência de abatido, mas as roupas impecavelmente limpas e vincadas, o roteiro que Antônio Pedreira apresentou à imprensa de seu seqüestro incluía o Rio Grande do Sul, São Paulo, casas para mantê-lo prisioneiro e participações especiais do presidente Sarney e de Pelé. Para reforçar a trama, o suposto envolvimento do movimento negro brasileiro com organismos negros americanos.

O candidato do PPB disse que o seqüestro aconteceu às 17 horas do sábado, na Ilha do Governador, no Rio, onde estava em campanha. Dois homens e uma mulher, ocupando um Opala branco com adesivos de sua candidatura, teriam lhe oferecido carona até a região dos lagos, local em que pretendia passar o domingo descansando com a família. “Não desconfiei de nada”, afirmou Pedreira, para justificar o fato de ter deixado seus assessores e seguranças, inclusive da própria Polícia Federal, e preferir a companhia de estranhos. Ao entrar no carro, que não foi seguido por sua comitiva, teria começado o seqüestro, que durou 43 horas. “Na altura da avenida Brasil eles colocaram uma toalha no meu rosto, com algum produto químico”, contou o candidato, garantindo ter ficado o tempo todo sedado, “mas com alguns momentos de lucidez”. Ainda no Rio, ele diz que foi levado em um jatinho, com seis ocupantes, para o Rio Grande do Sul. “Eles queriam saber porque eu não critico o presidente Sarney e qual minha vinculação com a candidatura Pelé, já anunciada para 94.” Pedreira diz, também, que os tais seqüestradores o trataram agressivamente e queriam informações sobre a extensão do movimento negro no Brasil e sua ligação com grupos negros organizados nos Estados Unidos. Em mo-



Waldemar Padovani/AE



Protásio Nêne/AE

Candidato do PPB conta estranha história. E Correa insiste após o fracasso do PMB. Uma dupla infernal.

mento algum, segundo ele, exigiram dinheiro ou fizeram menção de resgate para soltá-lo.

A situação teria melhorado apenas depois que os seqüestradores, todos brancos, encontraram em seu bolso uma carta, remetida por um correligionário de Campinas, fazendo críticas aos negros. Da casa

no Sul, Pedreira afirma que foi levado para São Paulo, onde chegou à noite, no domingo, e logo em seguida embarcado num furgão, que rumou para Campinas. “Chegamos por volta da meia-noite em uma casa e o interrogatório continuou. Disseram que eu teria de renunciar à candidatura, que reúne 80% dos negros, mais os votos

dos evangélicos, que estão comigo.” No mesmo furgão, ainda segundo a versão de Pedreira, ele foi levado até a via Anhangüera e libertado: “Fui jogado como um traste qualquer, um lixo”. Eram, então, meio-dia e, pouco depois, foi encontrado por um carro da Polícia Militar, que o levou à Polícia Federal, em Viracopos.